

Bandeira de quarentena

este papel.
nele o lápis
desenha letras.
ele é um território
cuja bandeira
é a própria página.
de suas fronteiras,
depois de lida,
a palavra zarpa.

bandeira de quarentena
hasteada na ponta
do mastro-lápis
que ao mesmo tempo
que a sustenta
traça nela
com linhas pretas
sua insígnia,
que o olhar
meio decifra, meio contempla,
na superfície trêmula.

enquanto em terra
vírus e guerras
se espalham e matam,
a bordo deste barco
sob o símbolo da peste,
segue a revolução permanente
do El Durasno
de Oswald de Andrade.

esta página
que nunca foi nem será branca
senão, talvez,
de farelos de borracha,
é o barco-território
onde durante toda a vida
entre o papel e o grafite cinza
lugar e hora se desfaldam.

poema de Fernando Gerheim¹

¹ Fernando Gerheim realizou os vídeos antropofágicos *Salomé* (2011) <https://www.youtube.com/watch?v=tsZ7KhiJThU> e *Urubucamelô* (2002) <https://vimeo.com/61349995> — o primeiro deglute o cinema num *thriller trash* em que uma antifalocrata radical devora genitálias masculinas, relendo a antropofagia sob o prisma das questões de imagem e gênero; o segundo narra o nascimento de um anti-herói que retira sua força do lixo, reinscrevendo a antropofagia numa ecologia planetária contemporânea. Gerheim é professor da ECo - UFRJ, do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC - ECo) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV - EBA). Autor dos livros de ficção *Infinitômetros* (7 Letras, 2018), *Signofobia* (Multifoco, 2013) e do ensaio *Linguagens Inventadas - palavra imagem objeto: formas de contágio* (Zahar, 2008).